

Madama Butterfly

Giacomo Puccini

Coro e Orquestra
Gulbenkian
Lawrence Foster

 GULBENKIAN
MÚSICA

28 jun 2019

Giacomo Puccini

Madama Butterfly

Tragédia Japonesa em três atos

Libreto de Giuseppe Giacosa e Luigi Illica

Coro Gulbenkian Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster Direção Musical

Melody Moore Soprano *Cio-Cio-San – Butterfly*

Elisabeth Kulman Meio-Soprano *Suzuki*

Stefano Secco Tenor *B. F. Pinkerton*

Lester Lynch Barítono *Sharpless*

Alexander Kaimbacher Tenor *Goro*

Amitai Pati Tenor *Príncipe Yamadori*

Kevin Short Baixo-Barítono *Tio Bonzo*

Liesbeth Devos Soprano *Kate Pinkerton*

Tiago Batista Baixo *Yakuside*

Pedro Casanova Baixo *Comissário Imperial*

Jorge Leiria Tenor *Um Notário*

Cecília Rodrigues Meio-Soprano *Mãe de Cio-Cio-San*

Filipa Passos Soprano *Tia de Cio-Cio-San*

Sara Marques Soprano *Prima de Cio-Cio-San*

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian



Giacomo Puccini

Lucca, 22 de dezembro de 1858
Bruxelas, 29 de novembro de 1924

Madama Butterfly

COMPOSIÇÃO: 1903-1904

ESTREIA: Milão, Teatro alla Scala, 17 de fevereiro de 1904
(versão revista) Brecia, Teatro Grande, 28 de maio de 1904

DURAÇÃO: c. 2h 20 min.

O fascínio pelo oriente e a sua presença na música ocidental europeia surgiram sobretudo na sequência da Exposição Universal de Paris de 1867. No início do século XX, o orientalismo já fazia parte das artes e da moda na Europa. O compositor italiano Giacomo Puccini não ficou indiferente a esta corrente e integrou-a numa das suas óperas mais emotivas – *Madama Butterfly*. Puccini, nascido em Lucca, na Toscana, provinha de uma família de várias gerações de organistas, pelo que o seu destino já estava traçado desde cedo: seria titular do órgão da igreja de San Martino, posto que lhe foi atribuído após a morte do pai. No entanto, o jovem Giacomo interessava-se sobretudo por ópera, chegando a incluir improvisações sobre temas de árias na saída da missa. Depois de assistir a *Aida*, de Verdi, em março de 1876, em Pisa, decidiu romper com a tradição familiar e dedicar-se exclusivamente à sua paixão. “Eu sou um homem de teatro, faço teatro e sou um visual. Vejo personagens”, afirmaria mais tarde.

Amilcare Ponchielli, professor e amigo, apoiou-o e em 1884 foi apresentada a ópera *Le Villi (As Fadas)*, acolhida com êxito em Milão, apurada em Nápoles. O reconhecimento e a glória internacionais surgem com *Manon Lescaut* em 1893, resultado de uma frutuosa colaboração com os libretistas Luigi Illica e Giuseppe Giacosa, com quem trabalharia nos três grandes triunfos seguintes: *La bohème*, *Tosca* e *Madama Butterfly*. Em 1904 estreia uma das suas óperas favoritas, à qual dedicou grande esforço e dedicação.

Quatro anos antes tinha assistido em Londres à peça de David Belasco, argumentista e empresário da Broadway, intitulada *Madame Butterfly*, baseada numa curta história de John Luther Long. Esta por sua vez foi inspirada no romance *Madame Chrysanthème*, de Pierre Loti, uma obra semiautobiográfica, na qual é abordada uma prática corrente de casar temporariamente jovens japonesas com oficiais da marinha norte-americana. Esta prática surgiu na sequência do restabelecimento das relações comerciais entre os Estados Unidos e o Japão, da qual resultou uma ocidentalização do país do sol nascente, com uma abertura ao exterior e o acolhimento de um número crescente de ocidentais fascinados com a sua cultura e tradições.

Para compor *Madama Butterfly*, Puccini fez uma pesquisa sobre a cultura, a música e os rituais japoneses. Estudou *The Mikado*, de Gilbert e Sullivan (embora esta ópera não prime pela autenticidade), trocou correspondência com Gustav Kopf, musicólogo especialista no oriente, ouviu música tradicional nipônica, contactou com Sada Yacco, gueixa que se tornou atriz e se estabeleceu em Itália, e a esposa do embaixador japonês, Madame Ohyama, procurou-lhe melodias tradicionais.

As referências que Puccini faz à música japonesa não são gratuitas, mas muitas vezes irónicas ou ao serviço da caracterização de personagens tipicamente japonesas, como Goro, Suzuki, ou o príncipe Yamadori. Mais do que as referências

copyright
A. Dupont

GIACOMO PUCCINI © DR

ao Japão, o segredo do sucesso de *Madama Butterfly* é sobretudo uma orquestração sumptuosa, belas melodias, uma personagem principal que causa grande empatia e a verdade psicológica da qual o compositor a imbuíu. Apesar de ser recebida com hostilidade na estreia no Scala de Milão, após uma pequena revisão a ópera tornou-se num sucesso retumbante, dirigida por Toscanini em Brescia no mesmo ano.

Madama Butterfly enquadra-se na estética do verismo em voga em Itália, com a escolha de temas da vida quotidiana e o retrato de paixões elementares como o ódio, o amor, a inveja ou a vingança, contados numa intriga simplificada, mas transcendendo-a. Puccini dá-lhe uma dimensão poética e humana muito profunda, onde cada personagem tem um caráter e valores morais (ou ausência deles) bem definidos. A ação decorre em Nagasaki, no início do século XX. Puccini faz-nos acompanhar a viagem de Cio-Cio San desde uma otimista inocência até uma esperança que se desfaz e uma calma aceitação do destino trágico que o seu código de honra exige. A combinação de doçura e angústia, vulnerabilidade e coragem e uma música emocionalmente expansiva, com um melodismo italiano de fim de século misturado com cores orientais e impressionistas, elevam-na e conquistam-nos. As outras personagens são também ricas. O par romântico de Cio-Cio San é uma espécie de anti-herói que projeta uma imagem negativa de um marinheiro americano displicente. O cônsul americano Sharpless é a voz da razão e do bom senso, que dá realismo e dimensão histórica ao enredo. Suzuki encarna o Japão tradicional e Goro é a personagem mais desagradável, por vezes cruel com Butterfly.

Puccini evita algumas tradições, atribuindo apenas uma grande ária à protagonista (“*Un bel di vedremo*”), que se integra com naturalidade no decurso do drama. A ópera começa sem abertura ou prelúdio, apenas com uma fuga agitada com um tema nervoso e autoritário que nos imerge imediatamente na ação. A ária de Pinkerton “*Dovunque al mondo*” caracteriza o seu espírito yankee com uma citação de *The Star Spangled Banner*, hino da marinha americana que viria a ser adotado como hino nacional. A primeira aparição de Cio-Cio San é um momento mágico que contrasta com a de Pinkerton. A música é simples, com um tema elegante acompanhado por cordas *sul ponticello*, madeiras, harpa e sinos e um coro feminino (as suas amigas), que se torna recorrente ao longo da obra. O dueto de amor é um momento de exemplar construção orquestral e tonalmente pouco conclusivo, sugerindo a tragédia que se aproxima. No início do segundo ato, a ária de Cio-Cio San afirma a sua fé no regresso de Pinkerton, mas denota já algum desespero. À chegada do navio americano ouvem-se reminiscências de “*Un bel di vedremo*”, do dueto amoroso, e também do hino americano. Após o dueto das flores, o coro tem uma intervenção a boca fechada, usado como um instrumento de orquestra que se junta aos timbres delicados das cordas em *pizzicato*, das madeiras, da harpa e da *viola d’amore*, criando uma atmosfera de quietude onde o tempo parece suspenso. No terceiro ato, a ária de Pinkerton é um momento operático de introspeção e reflexão sobre os erros cometidos, com pequenas intervenções do cônsul. Após a dramática despedida de Cio-Cio San, a ópera termina com o grito (arrepentido?) de Pinkerton – “Butterfly!”



Nagasaki, Japão, início do século XX

Ato I

O tenente B. F. Pinkerton, da marinha americana, encontra-se em Nagasaki para tomar posse de uma casa e de uma esposa japonesa. Goro, um casamenteiro, preparou-lhe um matrimónio com Cio-Cio San (em japonês, borboleta, *butterfly*) uma jovem de 15 anos cuja família entrou em dificuldades após a morte do pai. Pinkerton está acompanhado por Sharpless, o cônsul americano, com quem partilha a sua atitude desprezada em relação ao amor enquanto tomam um uísque: Pinkerton é um marinheiro que procura o prazer em cada porto. O cônsul adverte-o de que Butterfly encara o casamento com total empenho e sinceridade, mas Pinkerton ignora as preocupações de Sharpless, preferindo brindar ao dia em que terá uma “verdadeira” mulher americana. Entra Butterfly acompanhada por familiares e amigos, entusiasmados com a boda. A noiva partilha então com Pinkerton um momento mais íntimo, mostrando-lhe alguns objetos de grande valor afetivo: uma faixa, bonecas tradicionais e o punhal com o qual o seu pai cometeu *haraquiri* (suicídio de honra). Diz-lhe também que está disposta a abdicar da sua religião para se converter ao cristianismo. O comissário imperial chega e conduz a cerimónia, mas logo de seguida Yakuside, o tio de Butterfly, amaldiçoa-a por renunciar à sua fé. O ato termina com o maior dueto de amor das óperas de Puccini.

Ato II

Passaram três anos desde o casamento e Butterfly aguarda pacientemente o regresso de Pinkerton, de quem tem um filho. A sua criada Suzuki recorda-lhe que o dinheiro já escasseia e que os maridos estrangeiros raramente regressam ao Japão, palavras que deixam Cio-Cio-San muito

irritada. Imagina então o regresso do seu esposo, num retrato cor-de-rosa, quando chega Sharpless com uma carta de Pinkerton. Butterfly não ouve as más notícias, concentrando-se no regresso do pai do seu filho. Entretanto, Goro já tratou de lhe procurar um marido adequado: o príncipe Yamadori, que aparece brevemente. Butterfly lembra que continua legalmente casada com Pinkerton e quando Sharpless, sabendo da verdade, lhe pergunta o que faria se Pinkerton a abandonasse, Butterfly responde que as opções seriam regressar à vida de gueixa ou morrer. Sharpless recomenda-lhe que aceite Yamadori, o que a deixa profundamente magoada. Um sinal no porto anuncia a chegada de um navio americano. Butterfly ordena a Suzuki que decore a casa com flores. Ao cair da noite, as duas mulheres e a criança iniciam uma vigília, aguardando a vinda de Pinkerton.

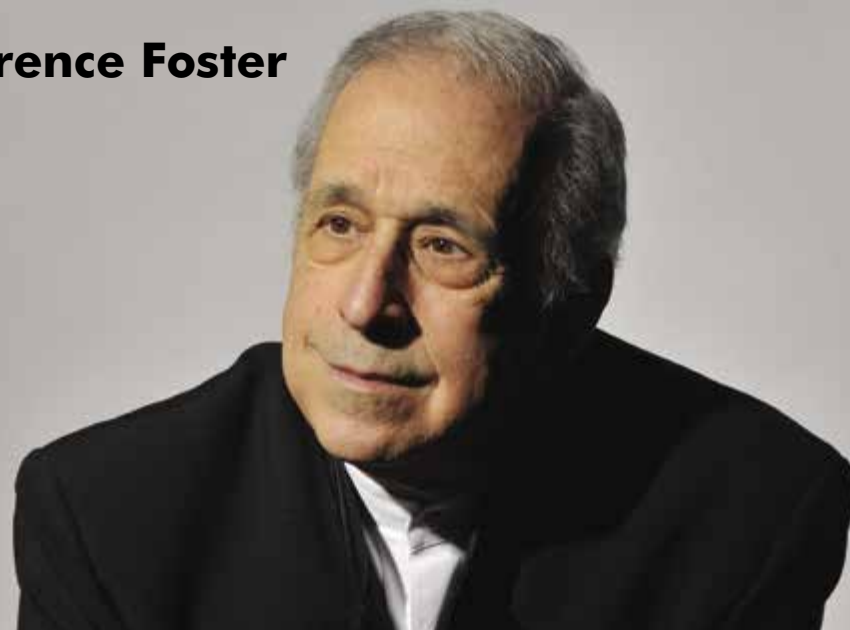
Ato III

Ao amanhecer, Butterfly acorda Suzuki, deixando o menino a dormir. Batem à porta e Suzuki faz entrar Sharpless e Pinkerton, ficando a saber que este tem agora uma esposa, Kate, que trouxe consigo ao Japão. Os três discutem a melhor maneira de dar a notícia a Butterfly e o que fazer em relação ao seu filho. Sharpless critica Pinkerton pela dor que vai causar a Butterfly, mas este mal reconhece a sua culpa. Butterfly toma finalmente consciência da realidade e, segurando o punhal que pertenceu a seu pai, lê a inscrição: “Com honra morre aquele que não pode viver com honra”. Após cantar uma sentida canção de embalar ao seu filho, manda-o ir brincar para o jardim e suicida-se.

NOTAS E SINOPSE DE SUSANA DUARTE

Lawrence Foster

Maestro



© MARC GINOT

De ascendência romena, Lawrence Foster nasceu em 1941 em Los Angeles. É o Diretor Musical da Ópera de Marselha desde 2013. Entre 2002 e 2013, foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Além dos concertos regulares no Grande Auditório, dirigiu a Orquestra Gulbenkian em várias digressões nacionais e internacionais e em gravações para a editora Pentatone Classics. Anteriormente desempenhou idênticas funções nas Orquestras Sinfónicas de Barcelona, de Jerusalém e de Houston, na Filarmónica de Monte Carlo e na Orquestra de Câmara de Lausanne. Entre 2009 e 2012, foi Diretor Musical da Orquestra e Ópera Nacional de Montpellier. Como maestro convidado, dirigiu muitas das principais orquestras mundiais, incluindo a Sinfónica da Rádio Polaca, a Filarmónica da Radio France, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim, a Filarmónica Arturo Toscanini (Parma), a Filarmónica Húngara, a Filarmónica de Copenhaga, a Sinfónica de Montreal ou a Filarmónica de Hong-Kong, tendo-se apresentado com frequência nos principais festivais, incluindo os de Lucerna e Grafenegg.

Dirige regularmente destacados solistas como Evgeny Kissin, Arcadi Volodos ou Arabella Steinbacher. Para além das produções da Ópera de Marselha, Lawrence Foster apresenta-se com regularidade noutros importantes palcos de ópera, incluindo a Ópera de Frankfurt, a Ópera Estadual de Hamburgo, a Ópera de Monte Carlo, a Ópera de São Francisco ou o Festival de Ópera de Savonlinna. Em 2017 dirigiu *Don Carlos*, de Verdi, em Marselha, bem como uma versão de concerto de *Mathis o Pintor*, de Hindemith, no Festival Enesco de Bucareste. Uma gravação de *Otello*, de Verdi, com a Orquestra Gulbenkian, foi lançada também em 2017. Em 2013, Lawrence Foster recebeu o *Orfée d'Or* da Académie National du Disque Lyrique pela sua gravação de *L'Étranger*, de Vincent d'Indy, com a Ópera e Orquestra Nacional de Montpellier Languedoc Roussillon. Como Diretor Musical do Festival de Aspen e Diretor Artístico do Festival Georges Enesco (1998-2001), afirmou-se como um destacado divulgador e intérprete da música do compositor romeno. Em 2003 foi condecorado pelo Presidente da Roménia em reconhecimento dos serviços prestados à música romena.



Melody Moore

Soprano

Melody Moore diplomou-se pelo Cincinnati Conservatory of Music, participou no *Merola Opera Program* e foi *Adler Fellow* da Ópera de São Francisco. Ao longo da temporada 2018-19 prosseguiu a sua firme carreira lírica com um regresso à Grande Ópera de Houston para interpretar Senta (*O Navio Fantasma*), sob a direção de P. Summers, e Donna Elvira (*Don Giovanni*), numa nova produção de K. Holten. Regressou também à Ópera de Los Angeles para se estrear no papel de Gertrude (*Hänsel und Gretel*), com o maestro J. Conlon. Em concerto, estreou-se com a Dresdner Philharmonie e voltou a interpretar uma muito aplaudida Salomé (R. Strauss), em Daegu, na Coreia do Sul. Na temporada 2017-18 estreou três importantes papéis: Elisabetta (*Don Carlo*) na Ópera Nacional de Washington; o papel principal de *Salomé*, na Grande Ópera da Flórida; e Tatyana (*Eugene Onegin*) no Teatro de Ópera do Havai. Outras atuações incluíram a Ópera de Montreal (*Tosca*) e a Ópera de Atlanta (Senta). Em concerto interpretou, entre outras obras, o *Te Deum* de Bruckner, com a Sinfónica de Atlanta e o maestro D. Runnicles, a 9.^a Sinfonia de Beethoven, com a Sinfónica de Madison, e excertos da ópera *Plump Jack*, de G. Getty, com a Sinfónica da Rádio da Baviera e U. Shirmer. Com Rufus Wainwright, participou em concertos de gala no Kimmel Center de Filadélfia e no Roy Thomson Hall, em Toronto. Recentes atuações em recital a solo incluíram o Carnegie Hall de Nova Iorque e o Collaborative Arts Institute de Chicago, bem como um programa dedicado à música de compositores que foram vítimas do Holocausto.



Elisabeth Kulman

Meio-Soprano

Elisabeth Kulman cativa o público com a sua voz rica e timbrada e a sua carismática personalidade artística. Estudou na Universidade de Música de Viena, com Helena Lazarska, e estreou-se na Volksoper de Viena, no papel de Pamina (*A flauta mágica*), tendo obtido inicialmente algum sucesso como soprano. Desde 2005 interpreta principalmente o repertório para meio-soprano e contralto. Como membro da Ópera Estadual de Viena, rapidamente se tornou numa das cantoras favoritas do público, tendo integrado os elencos de óperas de Gluck, Wagner, Bizet, Verdi e Weill. O seu variado repertório de concerto inclui as *Paixões* de Bach, a *Missa Solemnis* de Beethoven, os *Wesendonck-Lieder* de Wagner, os *Lieder* de Mahler ou a cantata *Fausto* de Schnittke. Desde 2010, tem-se apresentado regularmente nos principais centros musicais da Europa, com importantes orquestras e com maestros de renome como Z. Mehta, K. Petrenko, C. Thielemann, P. Jordan, H. Blomstedt, M. Jansons, K. Nagano, M. Janowski ou N. Harnoncourt. Para além dos concertos e da ópera, nos últimos anos tem-se apresentado com maior frequência em recital, nomeadamente com Eduard Kutrowatz, o seu habitual pianista acompanhador. Colabora também em projetos inovadores como *Mussorgsky Dis-Covered*, com um quarteto de jazz, *Mahler Lieder* e *Wer wagt mich zu höhnen?*, com o agrupamento Amarcord Wien, *Hungaro Tune*, com uma orquestra e solistas de jazz, ou o seu mais recente programa a solo, *La femme c'est moi*, cujos arranjos abrangem vários tipos de música, desde árias de ópera a canções dos Beatles.



Stefano Secco

Tenore

Natural de Milão, Stefano Secco estudou piano e canto com Alberto Soresina e percussão com Tullio De Piscopo. Aperfeiçoou-se particularmente com Franco Corelli e Franca Mattiucci e frequentou as *master-classes* de Leyla Gencer e Renata Scotta. Depois das suas primeiras experiências profissionais, que incluíram digressões em Itália e no estrangeiro, interpretou o papel de Fenton (*Falstaff*) no Teatro Verdi de Sassari. Foi então convidado a cantar as partes de tenor solista da *Messa di Gloria* de Puccini e do *Te Deum* de Berlioz, no Teatro dell'Opera de Roma. Neste mesmo palco, interpretou Rodolfo, em *La bohème*. Desde então, atuou como solista nos principais palcos da Europa, incluindo, entre outros: Staatsoper de Viena, Théâtre de Toulouse, Ópera de Frankfurt, Teatro Regio de Turim, Teatro Massimo de Palermo, Teatro La Fenice de Veneza ou Ópera da Bastilha. Apresentou-se também nos E.U.A., nomeadamente em São Francisco e Seattle, como Pinkerton em *Madama Butterfly*. Mais recentemente, participou em produções de *Nabucco*, *Romeu e Julieta* e *Um baile de máscaras*, na Arena de Verona, *Madama Butterfly*, em Barcelona, Dresden, Chicago, Tóquio e Florença, *Simon Boccanegra*, *Werther* e *Tosca*, em Viena e Munique, *La Traviata* em Palermo, *Lucia di Lammermoor*, em Salerno, *Macbeth*, em Veneza, e *Rigoletto*, em Cagliari. Para além da gravação de *Madama Butterfly*, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian e Lawrence Foster, a presente temporada incluiu também o papel principal em *Fausto*, de Gounod, em Nice, e *Luisa Miller*, em Marselha.



Lester Lynch

Barítono

O barítono norte-americano Lester Lynch diplomou-se pela Juilliard Opera School e foi premiado em eventos de prestígio como as Metropolitan Opera Auditions, o Concurso de Canto George London e o Prémio Sullivan. Pelo seu trabalho com a Ópera de Saint Louis recebeu o Prémio Richard Gaddes. Reconhecido pela sua presença carismática e pela sua voz imponente, tem sido efusivamente aplaudido pelas representações de papéis verdianos, de Scarpia a Rigoletto e a Il Conte di Luna. A temporada 2011-12 incluiu o papel principal em *Rigoletto*, com a Companhia de Ópera Canadiana, e um regresso ao Festival de Bregenz, como Gerald em *Andrea Chénier* de Umberto Giordano. Na presente temporada, interpretou Crown, em *Porgy and Bess*, com a Filarmónica de Berlim, e Amonasro, em *Aida*, com a Ópera de Dallas. Além da ópera, aborda um importante repertório de concerto que interpreta regularmente com as principais orquestras norte-americanas, incluindo a Filarmónica de Nova Iorque, a National Symphony Orchestra, a Orquestra de Filadélfia, a Sinfónica de Houston ou a Sinfónica de Cincinnati. Apresenta-se também com regularidade em recital, tendo concluído recentemente uma digressão nos Estados Unidos, sob os auspícios da Fundação Marilyn Horne, que incluiu a estreia mundial de um ciclo de canções de Lowell Lieberman. Deu também um recital, com o pianista e compositor John Musto, na Biblioteca e Museu Morgan, em Nova Iorque, patrocinado pela Fundação George London.



© LENA KERN

Alexander Kaimbacher

Tenor

O tenor austríaco Alexander Kaimbacher é uma presença habitual nos principais palcos de ópera e concerto a nível mundial, atuando sob a direção de maestros de renome internacional. Foi membro da companhia da Staatsoper de Viena entre 2007 e 2010. O seu vasto repertório estende-se de Mozart a Wagner e a R. Strauss, sendo também um especialista da ópera do séc. XX e contemporânea. Neste último domínio, interpretou Robespierre, em *A morte de Danton* de Gottfried von Einem, Andrés, em *Wozzeck* de A. Berg, bem como vários papéis em *Albert Herring* de Britten, *O jovem Lord* de Henze, *The Knot Garden* de Tippett, *Marco Polo* e *Tea*, de Tan Dun, *Pierre et Luce* de G. Schedl ou *Candide* de Bernstein. Participou em estreias mundiais no Stadttheater Klagenfurt, na Ópera de Zurique, no Theater an der Wien e no Teatro di San Carlo, em Nápoles. Na temporada 2018-19 regressou à Ópera de Colónia para interpretar Leopold Brandmeyer, em *Im weißen Rössl* de R. Benatzky, e à Ópera de Zurique, como Piet, em *Le Grand Macabre* de Ligeti. Na temporada 2017-18 obteve grande sucesso na sua estreia no papel de Loge, numa nova produção de *O ouro do Reno* de Wagner, no Theater Bielefeld. Alexander Kaimbacher é um convidado regular de prestigiados festivais como os de Salzburgo, Viena, Bergen, Bona ou “Maggio Musicale” de Florença. Em concerto e recital interpretou, entre outras obras, a *Sinfonia Fausto* de Lizst, *Os Sete Pecados Mortais* de Weill, a 9.ª Sinfonia de Beethoven, *A Bela Moleira* e *Viagem de Inverno* de Schubert, *Dichterliebe* de Schumann e *Carmina Burana* de Orff.



© GARTH BAUGER

Amitai Pati

Tenor

Descendente de uma família de Samoa imigrada na Nova Zelândia, o tenor Amitai Pati estudou na Universidade de Auckland, na Escola de Ópera da Nova Zelândia e concluiu a sua formação superior de canto na Wales International Academy of Voice, no Reino Unido, na classe de Dennis O'Neill. Em 2014 foi convidado a participar no *Young Singers Project*, em Salzburgo, tendo-se apresentado então em récitas de ópera e concertos, incluindo *La Favorita*, de Donizetti, com Elina Garanča, Juan Diego Flórez e Ludovic Tézier, ou tenor solo numa interpretação da Missa Breve, K. 220, de Mozart. Em 2016 participou no *Merola Opera Program* e interpretou o seu primeiro papel principal – Ferrando, em *Così fan tutte* de Mozart – sob a direção de Mark Morash. Venceu o concurso Lexus Song Quest em 2012 e o Waiariki Institute of Technology New Zealand Aria em 2015. Colaborou com o New Zealand Youth Choir, o Graduate Choir e o Auckland University Choir. Participou nas *master-classes* de Joseph Rouleau, Della Jones, Josephine Barstow, Anne Murray, Richard Bonyne e Kiri Te Kanawa. Na temporada 2018-19, os seus compromissos no domínio da ópera incluíram: *Pagliacci* (Beppe) de Leoncavallo; *Roberto Devereux* (Lord Cecil) de Donizetti; e *It's a Wonderful Life*, de Jake Heggie. Amitai Pati, o seu irmão Pene Pati e o seu primo Moses Mackay formam o aclamado trio vocal neozelandês SOL3 MIO, que interpreta música clássica e contemporânea.



© DR

Kevin Short

Baixo-Barítono

Kevin Short estudou na Morgan State University, em Baltimore, no Curtis Institute of Music, em Filadélfia, e na Juilliard School of Music, em Nova Iorque. Venceu as Metropolitan Opera National Council Auditions, o Concurso Internacional para Vozes Verdianas, o Concurso Vocal Internacional Rosa Ponselle, o Concurso Bruce Yarnell, e os concursos Opera America e Leiderkranz. Para além de ter participado em mais de vinte produções na Metropolitan Opera de Nova Iorque, apresentou-se nos prestigiosos teatros norte-americanos de Santa Fe, Chicago, Houston, Los Angeles, Washington D.C. e Filadélfia, e também no Canadá. Na Europa, atuou na Ópera Comique, no Théâtre de Caen, no Grand Théâtre du Luxembourg, na Ópera de Colónia, no Staatstheater de Estugarda, no Teatro Comunale de Bolonha, no Teatro Lirico de Cagliari, na Ópera de Basileia e nos festivais de Baden-Baden e d'Aix-en-Provence. Alguns destaques das suas atuações recentes incluem: *Nabucco* (Zaccaria), para a Ópera Nacional do País de Gales e no Festival de Savonlinna; *Fidelio* (Don Fernando e Rocco), nas Óperas de Seattle e de Omaha; *Aida* (Amonasro), no Festival de Bregenz e na Ópera do Arizona; *O navio fantasma* (papel principal) e *The Rake's Progress* (Nick Shadow), no Stadttheater de Berna; *A flauta mágica* (Sarastro), no Festival de Spoleto; *The Mikado* (papel principal), de A. Sullivan, na Ópera de Omaha; *Rigoletto* (Sparafucile) na Ópera de Kansas City; bem como *Porgy and Bess* (Porgy), em Nápoles, Florença, Linz, Luxemburgo, La Palmas, Milão e São Petersburgo.



© BRUNO BONANSE

Liesbeth Devos

Soprano

A soprano belga Liesbeth Devos estudou no Conservatório de Antuérpia com Susan Roper e Stephanie Friede. Venceu o Concurso Kurt-Leimer, em Zurique, e foi finalista no Concurso de Lied da Rádio da Baviera, em Bayreuth. Apresenta-se com regularidade nos principais teatros de ópera da Bélgica, tendo-se estreado no La Monnaie/De Munt, em Bruxelas, como Despina (*Così fan tutte*). Na Vlaamse Opera cantou Miss Wordsworth (*Albert Herring*), Barbarina (*As bodas de Figaro*), Lucia (*The Rape of Lucretia*), 1.ª Sobrinha (*Peter Grimes*) e o papel principal de *Rage of Life* (Helena) de E. Kats-Chernin. Na Ópera de Wallonie interpretou Xunchia (*L'inimico delle donne* de Galuppi), Marie (*Guillaume Tell*) e Elvira (*L'italiana in Algeri*). Atuações mais recentes incluíram: *Dido and Aeneas* (Belinda), *Acis and Galatea* (Galatea) e *Don Giovanni* (Zerlina), com a Companhia de Ópera Belga; *Svabba* (Danica), de A. Sokolović, no Festival d'Aix-en-Provence; *Atys* (Melpomène) de Lully, com Les Arts Florissants; árias de Vivaldi e Händel, com a Filarmónica Eslovena; *Chants d'Auvergne*, de Canteloube, e *Le bal masqué*, de Poulenc, com a Rotterdam Chamber Music Society. Como solista de concerto, colaborou com muitas das principais orquestras e agrupamentos barrocos europeus, sob a direção de maestros como E. Christie, R. Egarr, I. Venkov, G. Madaras, M. Schönwandt, R. Alessandrini, B. Holten, B. Bartoletti ou D. Vermeulen. No domínio da canção de câmara, apresentou diferentes programas com o Taurus Quartet, o Het Collectief, o Malibrán Quartet e o Asasello Quartett.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht,

Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Fröhebeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

© G.M. MÁRCIA LESSA

Michel Corboz Maestro Titular
Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Carla Frias
Cecília Rodrigues
Claire Santos
Filipa Passos
Joana Siqueira
Lucília de Jesus
Maria José Conceição
Mariana Rodrigues
Marisa Figueira
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rute Dutra
Sara Afonso
Susana Duarte
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Fátima Nunes
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Esteves

Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Tânia Valente

TENORES

Diogo Pombo
Francisco Cortes
Frederico Projecto
Jaime Bacharel
João Barros
João Branco
João Custódio
Jorge Leiria
Manuel Gamito
Miguel Silva
Nuno Fonseca
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rodrigo Carreto
Rui Aleixo
Rui Miranda

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Andrade
Joaquina Santos
Fábio Cachão



Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© GW/MÁRCIA LIESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Maaria Leino *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
Tomás Costa *
Sara Llano *
Ana Sousa *
Radu Bitica *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Anna Paliwoda *1º Solista**
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Félix Duarte *
Mafalda Vilan Pires *
David Ascensão *
Rosa de Sá *
Rui Fernandes *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Paul Tulloch *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Fernando Costa *
Maria José Facção *
Ana Carolina *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
Ana Filipa Lima *2º Solista**

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
Jorge Pereira *1º Solista Auxiliar**
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista**
Paulo Alves *2º Solista**

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
Duarte Santos *2º Solista**
Richard Buckley *2º Solista**
Sandro Andrade *2º Solista**
Tiago Ferreira *2º Solista**
Francisco Sequeira *2º Solista**
Lídio Correia *2º Solista**

HARPAS
Carolina Coimbra *1º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins
Marta Andrade
Raquel Serra
Fábio Cachão
Guilherme Baptista

THE 8

PRECISO COMO UM MAESTRO.
POTENTE COMO UMA ORQUESTRA.



BAYERISCHE MOTOREN WERKE

Consumo de combustível combinado de 5,9 a 6,2 l/100 km.
Emissões de CO₂ combinadas de 154 a 164 g/km.

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é seleccionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Junho 2019